

# CONEXÕES PERIGOSAS: A NÃO COMUNICAÇÃO DE UM JORNALISMO QUE NÃO PENSA. UMA DISCUSSÃO SOB A ÓTICA DA NOVA TEORIA DA COMUNICAÇÃO<sup>1</sup>

## DANGEROUS CONNECTIONS: NON-COMMUNICATION OF A JOURNALISM THAT DOES NOT THINK. A DISCUSSION FROM THE VIEWPOINT OF THE NEW THEORY OF COMMUNICATION

Rafael Kondlatsch<sup>2</sup>

**Resumo:** Este ensaio traz uma breve reflexão sobre o jornalismo a partir de algumas ideias do que o professor Ciro Marcondes Filho chama de “nova teoria da comunicação”. O objetivo é levantar a questão sobre a falta de pensamento por parte dos profissionais em relação à própria profissão e apresentar um caso prático de como a manipulação da informação por um jornalismo que não pensa pode resultar em verdadeiro desastre no dia a dia das redações.

**Palavras-chave:** nova teoria da comunicação; manipulação da informação; não-comunicação no jornalismo;

**Abstract:** This paper brings a brief reflection about the journalism introducing some ideas of what professor Ciro Marcondes Filho calls "new theory of communication". The objective is to raise the question about the lack of thinking on the part of the professionals in relation to the profession itself and to present a practical case of how the manipulation of the information by a journalism that does not think can result in real disaster on the daily newsrooms.

**Keywords:** new communication theory; information manipulation; non-communication in journalism;

### Introdução

Em uma aula de Estudos Avançados em Teoria da Comunicação, ministrada aos alunos do doutorado de comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Unesp), em Bauru, o professor Ciro Marcondes Filho pontuou, entre outros problemas da mídia, que não vê aprofundamento no debate sobre a imprensa no Brasil. Algo que ocorre, segundo ele, porque os próprios jornalistas se recusam a abrir espaço para essa discussão no dia a dia, o que dificulta repensar de forma efetiva a produção, veiculação e recepção de notícias. Os

---

<sup>1</sup> Uma versão deste trabalho foi apresentada no XIII Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), jornalista e professor do curso de Jornalismo da UniSecal (Ponta Grossa). Email: [rafaelk@professorsecal.edu.br](mailto:rafaelk@professorsecal.edu.br).

jornalistas delegariam à academia e aos teóricos essa função intelectual de pensar sobre a própria profissão, suas práticas, intervenientes, problemas e possibilidades.

A preocupação com relação a essa situação não é vã, mas pertinente, uma vez que a discussão sobre o jornalismo já teve certo destaque dentro do pensamento de Ciro Marcondes Filho, estando presente em alguns dos seus livros e artigos que figuram como importantes obras para a reflexão sobre o tema no país. “A Saga dos Cães Perdidos”, por exemplo, é leitura recorrente nos cursos de comunicação e referência na discussão acadêmica dos rumos da profissão jornalística. Assim, por conta dessa notoriedade, mesmo que o jornalismo não seja mais o foco principal em sua teoria, o seu discurso se mantém como importante ponto de apoio para uma análise da imprensa brasileira, seja do ponto de vista mediático; profissional; ou de conteúdo e sentido.

Neste ensaio algumas ideias do autor são trabalhadas de forma a dar suporte a uma breve discussão sobre o exercício da profissão, culminando na apresentação do caso de uma matéria com sérios problemas éticos e técnicos. A base de reflexão do trabalho é a chamada “Nova Teoria da Comunicação”, apresentada e discutida pelo professor Ciro Marcondes em suas aulas, utilizando, além de outras obras do autor, textos complementares de pesquisadores que tratam do assunto de forma a guiar a reflexão de maneira clara e objetiva.

### **Por que a Nova Teoria é uma forma diferente de se pesquisar o jornalismo<sup>3</sup>**

Quando faz uma explanação sobre a Nova Teoria da Comunicação e a sua aplicação nos estudos do jornalismo, Ciro Marcondes acusa que esta teria capacidade de abarcar a discussão se tomado como princípio norteador o efeito causado pelo bombardeamento contínuo e poderoso dos veículos de massa sobre o cidadão. Isso porque, na opinião do autor, os veículos de imprensa têm condições de atacar com suas mensagens todos os canais de opinião pública criando, dessa forma, uma vantagem que resultaria, em alguma medida, em poder de influência para a mudança de ideia e posicionamento do seu público.

Dentro da nova teoria essa influência passa a ser objeto de estudo quando se questiona como a mídia e as mensagens afetam os receptores e alteram a sua percepção e entendimento sobre aquilo que receberam. Para Marcondes Filho (2013), é aí que reside o ponto nevrálgico que deve interessar aos estudos da comunicação e do jornalismo, pois existe na “teoria tradicional” um interesse muito direcionado aos meios e às mensagens e pouco ao

---

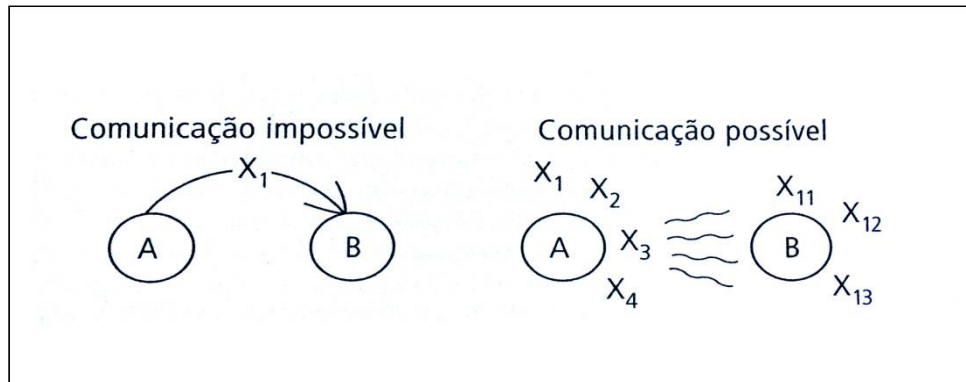
<sup>3</sup> O título remete ao artigo publicado por Ciro Marcondes na Revista Famecos, em 2012.

efeito causado em quem as recebe. A mudança na teoria estaria voltada justamente à observação do sujeito que consome o produto midiático e que detém o poder de eleger a informação que o apetece através da forma e meio que mais lhe convier. É investigar o que aconteceu com a pessoa que teve contato com o novo viral no *Youtube*, acompanhou a novela, assistiu ao discurso do presidente ou leu um *best seller*, ao invés de apenas investigar quais foram as mensagens e o interesse do veículo por trás delas.

Trata-se de mudar o jogo: estudar intensivamente esse objeto, a comunicação, isto é, o acontecimento comunicacional, o fenômeno que ocorre no interior de cada um de nós quando nos deparamos com um fato comunicacional, seja ele uma notícia, uma fotografia, um spot publicitário, um curta-metragem, uma representação teatral, uma exposição de arte. A nova teoria da comunicação se dedica a entrar fundo no fenômeno comunicacional: estudar como a mente das pessoas reage diante de múltiplos estímulos, provocações, sinais, flashes do mundo externo que nos atingem todos os dias, todas as horas, em todos os lugares. (MARCONDES FILHO, 2013, P. 10).

A nova teoria tem um escopo de trabalho direcionado ao humano que está envolvido com a comunicação, até porque parte de uma premissa que nem tudo que informa gera a comunicação. Essa seria a razão do porquê estudar o entendimento da mensagem em detrimento desta em si. Para Marcondes Filho (2013) não existe materialidade na transmissão de dados e aquilo que sai do interlocutor como algo, pode chegar ao destinatário em um contexto de interpretação totalmente diferente da informação original. Contexto esse que independe do emissor e que tem relação direta com a experiência vivenciada pelo receptor da informação. Uma carga intelectual e emocional que influenciará em peso e medida na forma como o receptor irá decodificar os sinais enviados. Em seu livro “O Rosto e a Máquina” (2013) - primeiro volume da série que trata dessa nova teoria da comunicação -, o autor referencia essa afirmação de impossibilidade por meio de um modelo (FIGURA 1) que demonstra de forma cartesiana a sua ideia.

**Figura 1. Esquema da comunicação possível e impossível sugerida por Marcondes Filho**



Fonte: MARCONDES FILHO, 2013, p. 31.

Observando o modelo se percebe que a comunicação literal e perfeita não é passível de ocorrência porque a mensagem inicial (X1) nunca chegará ao seu destino imutável, mas, do contrário, sofrerá uma alteração transformando-se em algo diverso (X11). O mesmo acontecerá com todos os sinais enviados (X2 – X12; X3 – X13). Isso ocorre porque, diferente da emissão, que é controlada e ajustável, a recepção é baseada no contexto de vivência do receptor e o seu entendimento está ligado à sua capacidade de interpretar uma informação. Assim, Marcondes Filho sugere que a ideia de que “não dá para não se comunicar” só é válida quando se pensa na “forma convencional” de comunicação, que seria a passagem linear de informação de A para B. Dentro da nova teoria, embora essa possibilidade também exista, ela não ocorre no sentido metafísico dessa transferência, mas partindo do pressuposto que há uma transformação do pensamento no outro a partir dessa passagem de sinais. Uma transferência que não pode ser prevista com exatidão - senão imaginada -, e sem qualquer garantia de sucesso. “Não posso sentir o que ele sente, não posso saber o que se passa dentro dele (...). Saber de fato como ocorrem as coisas em seu interior continuaria a ser um fato a nós vedado” (MARCONDES FILHO, 2013, p. 32).

Posto isso, é possível aplicar essa nova teoria para estudar a possibilidade de compreensão e assimilação dos sinais emitidos pelos meios de comunicação por parte do público, bem como a capacidade de influência no pensamento destes a partir dos objetivos dos veículos de comunicação e imprensa. Uma reflexão que não é simplória, visto que há uma gama de fatores complexantes intervenientes no processo de comunicação entre os meios e o receptor. Assim, de acordo com Marcondes Filho (2013), para pensar essa influência por parte de um meio de massa é preciso ainda considerar mais uma variável no processo de comunicação: a possibilidade de múltiplas interpretações por parte de múltiplos receptores.

E, partindo dessa premissa, se faz necessário refletir que esses veículos não necessariamente conseguirão atingir de forma igualitária a todos os receptores. Aí reside o

ponto primeiro da dificuldade na formação de uma comunicação eficiente. Não como se criar processos comunicacionais em todos os contatos atingidos pela informação emitida porque cada pessoa tem capacidade diferente de receber e processar as mensagens. Se de um lado da cadeia está o veículo emitindo sinal de forma sistêmica e uniforme, de outro há seres orgânicos pensantes que possuem experiências de vida prévias, vivências midiáticas diversas e objetivos muitas vezes conflitantes. Se, segundo Marcondes Filho (2013), não é possível prever sequer como um outro sujeito singular interpretará meu sinal, essa tarefa se torna ainda mais complicada quando possuo centenas de milhares ou milhões de receptores espalhados em diferentes meios sociais, econômicos e culturais.

Ademais, há ainda o problema inicial que reside na simples aceitação do sinal emitido, pois existe a possibilidade de o sujeito sequer concordar em criar um canal de comunicação com o emissor. É possível que o receptor, de pronto e sem qualquer esforço, descarte o sinal que está sendo enviado por não o considerar importante o suficiente para valer a atribuição de sentido. E uma vez tomada essa decisão a informação não vira mensagem decodificada, não acontece interação e a tentativa de comunicar se esvanece. Para Marcondes Filho (2013), podemos ignorar uma quantidade incalculável de sinais cotidianos que não são considerados dignos de atenção.

Se existe a possibilidade de não haver interação e com isso não acontecer o processo comunicacional, novamente se descarta a aplicabilidade de teorias antigas como a “Agulha Hipodérmica”, de Lasswell, e qualquer outro pensamento tradicional que acredite que toda transferência de informação gere comunicação. Na nova teoria sugere-se que comunicar é um ato de sucesso quando existe a criação de um interesse naquilo que está sendo veiculado e essa atração depende diretamente da inclinação do receptor em aceitar aquele sinal e transformá-lo em mensagem. Essa predisposição estaria ligada a diversos fatores, entre eles a necessidade do sujeito de buscar dados e elementos que lhe são estranhos para criar um pensamento sobre algo que o interessa. É uma forma de suprir um déficit informativo e criar uma “reserva ideológica e/ou argumentativa” (MARCONDES FILHO, 1993, p. 130), algo que Lippmann (1997), em meados do século XX, chamava a atenção quando afirmava que a imprensa tem uma necessidade de sobrevivência baseada em servir uma coleta diária de informações que estejam em consonância com os desejos, expectativas e estereótipos já cultivados pelo cidadão.

Dessa forma, Marcondes Filho (2012) defende que a comunicação e a eficácia dos sinais emitidos são dependentes da aceitação que o público tem em relação às mensagens e da formação de uma opinião com relação a elas. Essa aquiescência e transformação dos sinais,

além do interesse no assunto, estão intimamente ligados à existência de “círculos extracomunicacionais” que o validem enquanto argumento credível. Esses círculos seriam o contato com pessoas próximas com quem têm relação de confiança e respeito sobre o mesmo posicionamento. Um cuidado inerente que é ressaltado por Lippmann (1997, p. 52) quando este relaciona que é esclarecedor para o sujeito responder ao questionamento: “Quem na verdade disse, ouviu, sentiu, contou, nomeou algo, sobre o que você tem opinião?”. A resposta só será acalentadora quando for percebida uma relação de confiança entre o sujeito e a fonte emissora da mensagem em que se baseia a formação da opinião.

Levando esse contexto para a análise da imprensa, a mídia estaria mais propensa a obter sucesso entre as pessoas com quem mantém maior poder de diálogo por proximidade ideológica e relação de confiança ao seu discurso. Assim, o público não demonstra interesse em ser confrontado pela imprensa, mas ao contrário, se refugia nos noticiários em busca de argumentos para suprir o seu déficit informacional com relação aos assuntos do seu interesse, compatíveis com a sua visão de mundo.

### **A manipulação da notícia como fato gerador da não comunicação**

A partir do momento em que se pressupõe que a comunicação só ocorre quando há uma relação e que os meios de comunicação podem se utilizar dessa afinidade para criar mensagens e alterar posicionamentos e ideias em seu receptor, é interessante discutir a possibilidade de manipulação do público pela imprensa.

Dentro da nova teoria da comunicação, Marcondes Filho (2013) atesta que o ato de procurar informação é consciente, racional e deliberado. É uma forma de seleção no mundo, como se o sujeito buscasse sustento para nutrir a sua necessidade de estocar dados em um banco pessoal de onde serão retirados os argumentos para enfrentar a realidade. Ocorre que, na comunicação, essa busca por vezes acaba resultando num processo de recepção de dados que não estão sendo buscados.

Ora, o que acontece na comunicação é que alimentos aparentemente indesejáveis acabam sendo ingeridos: fatos, dados, notícias, especialmente quando trazidos por pessoas de minha confiança e que eu respeito, acabam minando minhas certezas anteriores que eu tinha a respeito da moral, da política, estética, dos gostos etc. E eu mudo porque confio na fonte, porque sei que não tem interesses escusos. E essa mudança ocorre de um golpe: a partir de agora já penso diferente. (MARCONDES FILHO, 2013, p. 27).

Nesse contexto de superalimentação de informações há também a circulação de novos dados, descontextualizados dentro da vivência do sujeito, mas que são trazidos até ele



por intermédio de pessoas e veículos que participam do círculo de confiança. Esses sinais, por não fazerem parte do rol de informações com as quais o receptor já teve contato, são assimilados de forma muito facilitada e sem contraposição. Por conta disso, dada a sua natureza de ineditismo, esses dados têm a capacidade de criar, a partir do zero, um roteiro de pensamento no imaginário do receptor que não encontra um lastro de resistência transformando-o em uma presa fácil para a manipulação ideológica. E essa é uma preocupação que não deve passar incólume dentro da discussão.

Em seu livro “Jornalismo fin-de-siècle (1993)”, Ciro Marcondes tratou desse conceito de manipulação pontuando a respeito do que chamou de “mitologia do jornalismo neutro e objetivo” criada, segundo ele, pelo iluminismo, por acreditar que fatos pudessem ser apresentados de forma mais ou menos livre das intervenções e dos interesses humanos. Para o autor o jornalismo não é isento nem neutro porque é feito por pessoas e isso pressupõe a passagem por filtros e regulação inerentes à atividade humana. “Apesar disso, nem todas as matérias jornalísticas são igualmente tendenciosas, não objetivas, descomprometidas de igual forma com os chamados ‘fatos’. Há matérias, coberturas, reportagens, trabalhos fotográficos mais e menos objetivos” (MARCONDES FILHO, 1993, p. 130). Nessa questão de objetividade o autor aponta que há dois tipos de manipulação: a intencional (ativa), que tem interesse em deturpar e modificar os fatos; e a manipulação automática (passiva), que nada mais é que a reprodução da realidade. Para ele, todos manipulam passivamente porque isso faz parte do jogo social estando, portanto, dentro do mesmo processo que envolve o entendimento das mensagens, ou seja, sujeito às experiências prévias e à bagagem intelectual do profissional.

Dez jornalistas cobrindo a mesma personalidade numa entrevista coletiva darão dez matérias diferentes. Esse primeiro tipo de manipulação, a manipulação intrínseca de qualquer ato, de qualquer notícia, é componente necessária não só do jornalismo, mas de todas as narrativas. É uma boa manipulação, já que significa a coloração humana e subjetiva ao relato dos acontecimentos. (...) Dessa manipulação subjetiva não se pode abrir mão; é ela que garante a diversidade, zombando do mito do ‘relato objetivo’. (MARCONDES FILHO, 1993, p. 137-138).

O problema, deste modo, não consiste na manipulação mera e simples, mas na criação de fatos e na subjetivação da realidade como tentativa do jornalismo de montar um mundo que não é factível - senão pelas lentes do profissional que redige o texto que será transmitido seja por via aérea, impressa ou na rede de computadores. O jornalismo, segundo o autor, mais que nunca está perdendo a sua credibilidade por conta de vários fatores que vão de uma “autorreferencialidade comunicativa” até a criação de notícias de fatos extrajornalísticos ou não jornalísticos. Assim, as indústrias da informação transfiguram a matéria-prima da

notícia, que é o acontecimento, aplicando nela um processo de inversão que gera fatos completamente novos. “O jornalismo não veicula informações nem as mutila para seus próprios interesses: ele as cria de fato” (MARCONDES FILHO, 1993, p. 133). Essa acusação é séria e preocupante estando presente também no trabalho de Umberto Eco e Paolo Fabbri (1978), que acusavam a imprensa de fabricar assuntos mesmo quando não há material jornalístico suficiente nos fatos cotidianos. Isso se daria, segundo os autores, como uma mera necessidade de preenchimento de espaço.

Posto isso, é possível deduzir que este tipo de comportamento por parte da mídia resulta em uma não comunicação, ou seja, um processo informativo que não se forma da maneira adequada porque lhe falta o princípio base que seria o acontecimento (ALSINA, 2005, p.81). A questão não está na manipulação ou não dos dados e das informações, mas no conceito básico da informação que é a verdade. Sodré e Paiva (2011, p.21) destacam que o jornalismo representaria a antítese do boato porque o que torna uma história credível é justamente o fato de ter sido testemunhada, “(...) senão diretamente, ao menos por uma mediação confiável a cargo do jornalismo”. Quando se extingue essa relação de confiança, segundo a lógica da nova teoria da comunicação, em primeiro momento se quebra toda a cadeia comunicacional que foi gerada e, a partir disso, coloca-se também em xeque o próprio exercício do jornalismo pelo profissional, que deixa de prestar um serviço de interesse social para meramente preencher espaços nos noticiários. Um acontecimento fabricado está mais próximo da publicidade que do jornalismo, pois este passa, no momento que aceita veicular um mundo fictício, a vender ilusões.

Para tratar do conceito de verdade e sua implicação no exercício do jornalismo é interessante buscar referência na obra do professor Nilson Lage (2001). Tratando do tema ele resume que as notícias são relatos que passam por um crivo linguístico, de técnica de nomeação, ordenação e seleção, além de um estilo. Transpostos os três pontos, a notícia permitirá que a verdade se apresente no momento em que condisser com a realidade do fato. “A conformidade qualifica o jornalista como correto, honesto; a inconformidade o qualificaria como incorreto desonesto. A obediência ao código e à técnica mede sua competência e domínio da expressão” (LAGE, 2001, p. 148). Trabalhar com a verdade da notícia, portanto, é condição *sine qua non* para a existência do jornalismo e da comunicação jornalística, não atendida essa premissa original, todo o mais será apenas jogo de palavras que emitem sinais, mas não comunicam.

### **Considerações Finais**



## **Conexões perigosas: quando a manipulação expressa que o jornal não pensa**

Partindo do que foi exposto nesse breve ensaio, se torna interessante citar um exemplo de um caso para demonstrar a existência real e próxima de um jornalismo *que não pensa* e, portanto não comunica, sobretudo porque não tem preocupação com o conceito de verdade como princípio base da informação.

Dessa forma, foi escolhida como exemplo uma matéria publicada pelo jornal “Gazeta de Riomafrá<sup>4</sup>”, em 19 de novembro de 2014, sob o título “Escritor rionegrense lançará seu segundo livro” (FIGURA 2). O texto em questão trata do lançamento do livro “Conexões Perigosas”, do escritor Marco Aurélio de Souza. A escolha se deu pela matéria conter uma série de informações estranhas e desconexas da realidade, que facilmente podem ser identificadas como fantasiosas, mas que foram publicadas pelo jornal em tom sério de biografia do escritor, demonstrando que não houve qualquer análise do conteúdo, cuidado com a apuração ou preocupação com o critério básico de atestar a verdade antes da publicação.

**Figura 2. Matéria escolhida para o estudo de caso**

---

<sup>4</sup> A Gazeta é uma publicação bissetimanal que circula nas cidades de Mafra-SC e Rio Negro-PR. Em seu quadro de funcionários, à época da publicação da reportagem, não havia nenhum jornalista com formação acadêmica. O folhetim também não possui o cargo de editor, sendo as matérias publicadas originadas, em grande parte, de assessoriais de imprensa ou coletadas da Internet, com exceções para casos como o exemplo adotado.

Mafra**Gazeta**  
de RiomafráQuarta-feira, 19 de novembro de 2014  
Edição nº 2766 15

## Escritor rionegrense lançará o seu segundo livro

O lançamento do livro será no P55 pub, no próximo domingo (23)



**O** escritor rionegrense Marco Aurélio de Souza lançará o seu segundo livro, trata-se de um romance chamado "Conexões Perigosas" da editora Kazuá de São Paulo. Marco Aurélio reside atualmente na cidade paranaense de Ponta Grossa. O lançamento do livro será no P55 pub, no próximo domingo (23).

**CONQUISTA SUBJETIVA DA ESCRITA**

Marco Aurélio de Souza atribui o uso da escrita como meio de expressão à necessidade de resposta ao angustiante processo da adolescência. Ele atenta para o fato de que é um movimento comum a todo ser humano: "quando queremos expressar nossa diferença fundamental em relação ao outro, nosso deslocamento frente àquilo que é anterior a nós. Cada qual responde a este processo de uma maneira diferente. A minha foi essa, pela escrita", conta. Diz que é possível somar a esta situação a especificidade de sua geração ser também fruto da internet, com recursos e possibilidades como a criação da blogosfera, por exemplo, "um espaço democrático de escrita e leitura, sem qualquer tipo de exigência direcionada aos seus parti-

cipantes".

Embora se descreva como uma pessoa que prefere cidades pequenas e interioranas é preciso relativizar esta visão quando ao perceber sua intensa relação com o universo virtual. As reflexões do autor estão intimamente relacionadas com seu livro Conexões Perigosas, no qual o tema e a abordagem se relacionam com os fenômenos comportamentais, derivados desta condição de multiplicidade de meios e linguagens que as redes sociais oferecem.

**CONHEÇA O AUTOR**

Marco Aurélio de Souza é natural de Rio Negro-PR, mas já faz algum tempo que vive em Ponta Grossa – cidade nacionalmente reconhecida por suas bizarrices, o que Marco gostar ainda mais de morar lá.

Formado em história e linguagem. Criado por lobos em um vilarejo ribeirinho foi alfabetizado tardiamente, apenas aos 14 anos. Depois disso, criou alguns blogs ao longo da vida e publicou, o que ele define como "uma ou outra coisa que deve estar espalhada pelo mundo".

Marco teve uma vida normal, típica de um jovem classe-média, até o ano de 2013, quando lançou seu primeiro livro, O Intruso, e segundo ele "tudo mudou". Faturou todos os prêmios literários brasileiros possíveis daquele ano, além de um bom dinheiro e o status de pensador na imprensa tupiniquim. Mas nada disso, segundo ele, o fez encontrar a verdadeira felicidade.

Conta ele: "Mandei tudo às favas: fui morar em um sítio isolado, sem in-



*Internet nem TV a cabo, usei todas as drogas que o campo produz, fui internado numa clínica de reabilitação por engano, me limpei, tive algumas recaídas, fiquei doído com Cristo num terreiro de santo daime, passei uns dias na prisão, quase morri nas mãos de um estripador que, por sorte, também curtiu o Slayer (e então ficamos amigos), conheci um velho hare krishna muito poderoso que me levou conhecer o Nepal, tornei-me um orientalista, passei a praticar yoga, casei, tive uma filha e então resolvi voltar às origens retornando para a blogosfera" – relatou Marco Aurélio.*

Atualmente, trabalha em alguns projetos literários, se considera "um cara simples", que gosta de se encostar em muros de pedra para pensar sobre a vida e de contar histórias que sejam tão verdadeiras e singelas como são as histórias da sua vida, conclui o escritor Marco Aurélio.

Fonte: Jornal Gazeta de Riomafrá, 19/11/2014.

A análise deste exemplo se restringe ao terceiro subtítulo do texto - "Conheça o autor" (FIGURA 3), porque é nesse trecho que o jornal cometeu a gafe jornalística de trazer fatos visivelmente impossíveis como se eles representassem a biografia do escritor, o que denota a falta de raciocínio dos responsáveis pelo periódico.

Figura 3. Conheça o autor

**CONHEÇA O AUTOR**

Marco Aurélio de Souza é natural de Rio Negro-PR, mas já faz algum tempo que vive em Ponta Grossa – cidade nacionalmente reconhecida por suas bizarrices, o que Marco gosta ainda mais de morar lá.

Formado em história e linguagem. Criado por lobos em um vilarejo ribeirinho foi alfabetizado tardiamente, apenas aos 14 anos. Depois disso, criou alguns blogs ao longo da vida e publicou, o que ele define como “*uma ou outra coisa que deve estar espalhada pelo mundo*”.

Marco teve uma vida normal, típica de um jovem classe-média, até o ano de 2013, quando lançou seu primeiro livro, *O Intruso*, e segundo ele “*tudo mudou*”. Faturou todos os prêmios literários brasileiros possíveis daquele ano, além de um bom dinheiro e o status de pensador na imprensa tupiniquim. Mas nada disso, segundo ele, o fez encontrar a verdadeira felicidade.

Conte ele: “*Mandei tudo às favas: fui morar em um sítio isolado, sem in-*



*ternet nem TV a cabo, usei todas as drogas que o campo produz, fui internado numa clínica de reabilitação por engano, me limpei, tive algumas recaídas, fiquei doidão com Cristo num terreiro de santo daime, passei uns dias na prisão, quase morri nas mãos de um estripador que, por sorte, também curtia o Slayer (e então ficamos amigos), conheci um velho hare krishna muito poderoso que me levou conhecer o Nepal, tornei-me um orientalista, passei a praticar yoga, casei, tive uma filha e então resolvi voltar às origens retornando para a blogosfera”* – relatou Marco Aurélio.

Atualmente, trabalha em alguns projetos literários, se considera “um cara simples”, que gosta de se encostar em muros de pedra para pensar sobre a vida e de contar histórias que sejam tão verdadeiras e singelas como são as histórias da sua vida, conclui o escritor Marco Aurélio.

Fonte: *Jornal Gazeta de Riomafra*, 19/11/2014.

Desde o segundo subtítulo, “Sobre o livro”, a pessoa responsável pelo texto – que não é identificada no jornal - tenta dar um ar de entrevista à matéria, utilizando trechos do release da editora como respostas diretas do escritor, uma manipulação do conteúdo que passaria despercebida não fossem os erros que serão relatados a seguir.

Como fecho à notícia do lançamento, evidentemente buscando agregar volume à matéria, o profissional em questão - a quem não chamaremos de jornalista por um critério pessoal que leva em consideração à formação acadêmica como fator básico de exercício da profissão, criou um perfil visando apresentar o escritor à comunidade. Essa tentativa foi feita por meio de um recorte (popularmente conhecido como *copia e cola*) da biografia que Marco Aurélio disponibiliza em um blog<sup>5</sup> de humor.

Ocorre que o texto retirado da Internet é parte de uma narrativa que é particular do estilo jocoso do escritor, que brinca com fatos impossíveis como se fossem sua vida, usando a própria autobiografia como um romance *nonsense*, chegando a citar que fora criado por lobos em um vilarejo ribeirinho e alfabetizado apenas aos 14 anos. O estilo de humor ácido é uma marca que o escritor carrega em seus textos na Internet desde a primeira década dos anos

<sup>5</sup>Disponível em: <http://escritaforadesi.tumblr.com/quemescreve>. Acesso em abril de 2019.



2000, quando fez parte de uma rede de blogs e ganhou notoriedade entre os colegas blogueiros em sua Cidade Natal.

O que chama a atenção no texto, a ponto de trazê-lo como exemplo para esse trabalho, é a falta de leitura crítica do funcionário do jornal, que sequer questionou as informações absurdas que publicou, além da manipulação deliberada do texto para fazer parecer uma entrevista do veículo com o escritor:

Marco teve uma vida normal, típica de um jovem da classe-média, até o ano de 2013, quando lançou seu primeiro livro, *O Intruso*, e, **segundo ele** [grifo nosso], “tudo mudou”. Faturou todos os prêmios literários brasileiros possíveis daquele ano, além de um bom dinheiro e o status de pensador na imprensa tupiniquim. Mas nada disso, **segundo ele** [grifo nosso], o fez encontrar a verdadeira felicidade. (GAZETA DE RIOMAFRA, 2014, P.15).

A continuação desse texto, que pelo seu conteúdo tem alto potencial de causar constrangimento à personagem, demonstra com nitidez que o jornal não entrou em contato com o escritor para a confecção da matéria; não se importou com o resultado que a publicação poderia ter sobre a sua imagem; e nem se questionou sobre o abalo na própria reputação do jornal ao publicar informações visivelmente falsas como verdades, conforme se pode verificar no trecho que segue:

Conte [sic] ele: “Mandeí tudo às favas fui morar em um sítio isolado, sem internet nem TV a cabo, **usei todas as drogas que o campo produz** [grifo nosso], fui internado numa clínica de reabilitação por engano, me limpei, tive algumas recaídas, **fiquei doidão com Cristo num terreiro de santo daime, passei uns dias na prisão** [grifo nosso], **quase morri nas mãos de um estripador** [grifo nosso] que, por sorte, também curtia o *Slayer* (e então ficamos amigos), conheci um velho hare krishna muito poderoso que me levou conhecer o Nepal, tornei-me um orientalista, passei a praticar yoga, casei, tive uma filha e então resolvi voltar às origens retornando para a blogosfera” – relatou Marco Aurélio. (GAZETA DE RIOMAFRA, 2014, P.15)

Concluindo este ensaio, é importante deixar claro que este exemplo teve objetivo de expor uma mínima parte do caos possível sobre o fenômeno apresentado, que é um tema extenso e denso. Nosso objetivo aqui foi demonstrar que o absurdo existe, explicitando como o descaso de um veículo de imprensa, por meio da manipulação e insistência no uso de dados visivelmente falsos, pode acarretar na perda da qualidade de uma informação aparentemente simples que seria o lançamento de um livro. A inexistência de um profissional capacitado atuando no jornal talvez seja o motivo de tamanha gafe jornalística, embora não se possa afirmar com certeza de que a má fé não seja, também, um fator a ser considerado.

Dessa forma, é preciso acender um alerta a respeito do tratamento que está sendo dado ao jornalismo, principalmente em tempos de Internet, chamando a atenção para a importância da reflexão sobre o futuro de um jornalismo sem a obrigatoriedade de uma

qualificação profissional. A universidade, muito mais que uma escola de profissões, é um espaço de construção de saber, que incentiva o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, lançando luz sobre a sociedade e sobre o próprio jornalismo. Comunicar é um ato que precisa de reflexão para que possa ser efetivo, da mesma maneira que o não pensar acarreta perdas irreparáveis na qualidade do jornalismo.

## Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona, Paidós Comunicación, 2005.

ECO, Umberto; FABBRI, Paolo. **Progetto di ricerca sull'utilizzazione dell'informazione ambientale** in **Problemi dell'informazione, Il Mulino**, Bologna, nº 4, out/dez. 1978. Disponível em [http://www.paolofabbri.it/saggi/progetto\\_ricerca.html](http://www.paolofabbri.it/saggi/progetto_ricerca.html). Acesso em 12 de maio de 2019.

Escritor rionegrês lança seu segundo livro. *Jornal Gazeta de Riomafrã*. Mafrã-SC, p. 15, 19 de novembro de 2014.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.

LIPPMANN, Walter. **Public opinion**. New York, Free Press, 1997.

MARCONDES, Ciro. **Comunicabilidade na rede: chances de uma alteridade medial. Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, Universidade de São Paulo – USP, ano 39, n. 37, 2012, p. 188-200.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo fin-de-siècle**. São Paulo, Editora Página Aberta, 1993.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medieval e tecnológico**. São Paulo, Paulus, 2013.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Por que a Nova Teoria é uma forma diferente de se pesquisar o jornalismo**. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, set./dez. 2012, p. 759-774.

SODRÉ, Muniz., PAIVA, Raquel. **Informação e boato na rede**. In. SILVA, Gislene et. al. (org.). **Jornalismo Contemporâneo: figuras, impasses e perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2011.